

DENISE VERISSIMO GONÇALVES

**A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NOS ANOS INICIAIS:
UM RECORTE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA (2010 – 2015)**

FLORIANÓPOLIS, SC.

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA
DIGITAL**

DENISE VERISSIMO GONÇALVES

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do grau de Especialista em Educação na Cultura Digital.

Orientadora: Prof^a.Msc. Aline Helena Mafra

FLORIANÓPOLIS, SC

2016

À minha amada família, pois se não fosse esse amor, eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Deus, fiel e verdadeiro. Minha luz e inspiração para todas as horas. Ar que eu respiro minha fonte de vida, que está a todo tempo comigo me guardando e guiando.

Ao meu marido Anderson, por acreditar em nós, na minha profissão, nas minhas ideias, opiniões escolhas, por ceder sempre. Por ser essa pessoa cheia de devaneios, mas estar ao meu lado, como um fiel companheiro. Obrigada por me compreender!

Aos meus pais Darci e Demesio, por estarem sempre ao meu lado, me incentivando a seguir em frente, dando amor, apoio e segurança. Obrigada pelos bons pensamentos.

À minha colega Josi Zanete do Canto, pelo apoio e dedicação durante o percurso da especialização, por me ajudar em muitos momentos que precisei, entendendo minhas dúvidas, medos e dificuldades. Pois se não fosse a sua garra e força, não chegaríamos até aqui.

Ao professor Willian Rochadel, que fez parte de muitos momentos difíceis, além de um excelente professor, é um excelente amigo. A todos os professores que fizeram parte dessa grande empreitada, em especial a professora Aline Helena Mafra, que mesmo não a conhecendo pessoalmente já admiro por se preocupar, compreender meus anseios e se dedicar com o meu trabalho, por ser uma professora tão querida e atenciosa.

Aos meus colegas de trabalho que me apoiaram e incentivaram durante o curso e que sempre me deram oportunidades para a realização dos trabalhos.

E todos os meus amigos e amigas que fizeram parte desse momento.

RESUMO

A presente pesquisa, em nível de especialização, consiste em um levantamento da produção com vistas a tecer uma análise da produção científica realizada em quatro revistas científicas qualificadas na área da educação. Para atingir tal fim, o recorte temporal assumido foi o período correspondente entre os anos 2010 e 2015. Por meio da pesquisa, objetivou-se identificar o que a produção científica dos últimos cinco anos, vem apontando em relação em como a tecnologia vem interferindo na construção da linguagem escrita nos anos iniciais. A partir dessa busca, foram localizados cinco artigos em revistas científicas que abordavam a temática. Estes foram lidos na íntegra para categorização e análise. A partir da leitura da produção, utilizando a estratégia metodológica de técnica de análise de conteúdo, em que, por meio de um método *indutivo* (Vala, 1999), foi possível agrupá-las em duas categorias: Tecnologias na educação e o processo de ensino aprendizagem; Alfabetização e a Linguagem e Escrita. Os referenciais teóricos para a análise dos trabalhos selecionados pautaram-se essencialmente na abordagem de Magnabosco, Soares, Buckingham e Lévy.

Palavras- chave: Levantamento da produção; Linguagem Escrita; Mídias.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1: Ler e escrever na era das mídias	9
2.2: Concepção de crianças e infância	11
2.3: Linguagens e Escrita	14
3 PERCURSO METODOLÓGICO	17
3.1: Caminhos da Pesquisa	17
3.2: Indicações da produção científica	19
3.3: Levantamento da Produção – Revistas Científicas	19
3.4: Resultado final do levantamento	22
3.5: Emergência da Categoria de Análise	24
4. TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	26
4.2.: Alfabetização e linguagem e escrita	31
4.2.2: Contributos das crianças a partir dos artigos selecionados	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS	40
7. ANEXOS	42

1. INTRODUÇÃO

De todos os presentes da natureza para a raça humana, o que é mais doce para o homem do que as crianças?

Ernest Hemingway

Nunca imaginei que me tornaria uma professora, por ouvir muitas vezes meus professores na escola onde estudei por doze anos, sofrendo e lamentando tamanha desvalorização da classe, que há anos pede e clama atenção. Quando entrei na graduação, na época pensei que não iria resistir, estudava todas as noites e a questão financeira também pesava. Mas, o primeiro semestre despertou um desejo grande de ir até o fim. Dentro de mim despertou um desejo de que talvez eu pudesse fazer algo para mudar problemáticas que eram tão comentadas e discutidas na época que era aluna, tais como: avaliação, repetência, dificuldades de aprendizagem, desvalorização da carreira do magistério entre outros.

Até concluir a graduação trabalhava no comércio para poder pagar os estudos. Mas quando chegou ao fim, dei adeus aos balcões e encarei a busca por uma oportunidade de lecionar.

Por cinco anos tive o orgulho de trabalhar como professora ACT – Admitido em Caráter Temporário, apesar de ser uma situação bem variável, todos os anos trabalhando em escolas diferentes, era muito bom aprender com as crianças, todos os anos uma escola diferente. Realidade muito distinta em que vivo hoje trabalhando em uma escola da rede privada em um ambiente climatizado, com alunos onde a grande maioria frequenta a rede privada desde a infância. Então, percebi como as oportunidades formam alunos diferentes uns dos outros, sejam elas na linguagem oral, escrita, no vocabulário, enfim, em muitos aspectos.

A partir desse pensamento a proposta para este trabalho surgiu. Sendo assim, esta pesquisa assume como **objetivo geral** analisar, por meio de um levantamento da produção científica, de que forma a tecnologia interfere na construção da linguagem escrita nos anos iniciais. Quando a criança interage, aprende a se transformar como sujeito ativo, participa e intervêm na realidade; suas atuações são formas de reelaborar e recriar o mundo a sua volta. Posto isto, a fim de nortear o objetivo geral, elenquei os seguintes **objetivos específicos**:

- Localizar na produção científica recente como práticas de leitura e escrita ocorrem nas escolas que atendem crianças dos anos iniciais do ensino fundamental;
- Investigar a construção da linguagem escrita diante das novas ferramentas tecnológicas;
- Destacar a importância da construção da linguagem escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

O presente trabalho pode ser definido como uma pesquisa de levantamento de produção científica que pretende além de analisar um recorte da produção científica de (2010 a 2015) sobre os a construção da linguagem escrita diante das novas ferramentas tecnológicas. Convém afirmar que, para qualquer tipo de pesquisa, é de suma importância que haja o levantamento das produções acerca do tema em questão, a fim de articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento (MINAYO, 2009).

Com o intuito de contemplar os objetivos do trabalho, foi realizado o levantamento foi realizado também em quatro revistas brasileiras qualificadas na área da Educação.

Para fins didáticos e metodológicos, o trabalho foi dividido basicamente em três segmentos: fundamentação teórica; metodologia e análise da produção científica. O primeiro segmento apresenta as concepções que irão fornecer subsídios teóricos para a análise dos dados e a compreensão da realidade. A metodologia, considerada como elemento fundamental para a elaboração de toda e qualquer pesquisa, ocupa-se de fornecer procedimentos para a composição da mesma. E a análise da produção permitirá uma reflexão consistente acerca dos trabalhos selecionados no levantamento da produção, para que possamos problematizar e evidenciar dados que muitas vezes fogem ao nosso olhar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1: Ler e escrever na era das mídias

Nos dias atuais, na chamada “sociedade da informação” (LEMOS, 2002) momento em que a comunicação é mediada por computadores, smartphones e tablets, a linguagem assume um papel muito importante como denomina Lévy (1999) na “era da Cibercultura”. Um novo comportamento se forma, sendo necessário que o educador esteja preparado para assumir uma nova postura, métodos e estratégias para a utilização de diferentes recursos tecnológicos que a escola pede nesse momento.

Tais ferramentas aliadas ao processo de ensino aprendizagem fazem-se necessárias a partir do momento em que o educador elenca o uso dessas tecnologias com o objetivo de levar o aluno a efetivação da aprendizagem, ou seja, leitura e escrita. Neste sentido, os professores devem estar preparados para a utilização e inserção dessas tecnologias, utilizando tais ferramentas não apenas como apoio metodológico, mas também como uma forma de desempenhar no educando uma postura crítica diante do ato de ler e escrever.

Além disso, se é necessário navegar, é preciso também que o professor admita que precisa mudar que precisa aprender reinventar suas competências e desenvolver novas habilidades. O desafio que se coloca hoje é o de descobrir novas maneiras de se explorar os recursos da interlocução digital, visando a apontar as diferenças entre as mídias, explicando a finalidade e a utilidade de cada uma. (MAGNABOSCO, 2009, p.61)

O uso da internet pode ser um grande aliado para empenhar nos alunos motivações e estímulos na leitura, proporcionando e desenvolvendo diferentes competências, pois, além de oferecer possibilidades para um enriquecimento informacional, possibilita o resgate de produções escolares, o que pode repercutir em um interesse maior no ensino da leitura, em consequência uma linguagem rica e crítica. É preciso também que o professor aceite que precisa mudar que precisa aprender, que se reinvente, e que novas habilidades e competências sejam adquiridas.

Para Almeida (2014, p.11) cada educador exercer sua autonomia, capacidade crítica e imaginação criativa para apropriar-se dos recursos computacionais mais adequados ao seu estilo profissional, atuar como promotor do processo de aprendizagem, trabalhar em parceria com seus alunos na busca e seleção de

informações, na identificação e teste de hipóteses, no levantamento e na resolução de situações-problemas, e finalmente, no desenvolvimento de projetos pedagógicos significativos.

O ato de escrever é uma atividade como qualquer outra que o ser humano exercita. Para Soares (2002) a tela do computador, novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento.

É possível que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, configurando-se um *letramento digital*, isto é, certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita.

Neste contexto Soares (2002, p.146) afirma que,

A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. [...] A hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

A prática de leitura e escrita leva o indivíduo a um novo estado ou condição. As novas maneiras de interagir e integrar a sociedade no mundo globalizado na escola e em diferentes espaços, atualmente é realizado por meio da tela do computador, essas atividades introduzem-se não só novas formas de acesso à informação, como também novos processos cognitivos, de conhecimento, de ler e de escrever, enfim, um novo letramento.

Magnabosco (2009, p.58) afirma que com essas inovações, nasce também a necessidade de novas práticas de leitura e de escrita, práticas essas mais críticas em meio ao universo informacional da rede. Dessa maneira, torna-se indispensável um letramento digital, ou seja, a aquisição de uma competência específica para esse meio visto aqui como a capacidade de compreensão e utilização de informação em diferentes formatos.

As novas tecnologias apontam novas e maiores possibilidades de interação em diferentes formas. Isso pode induzir em uma motivação nos alunos, já que poderão, pelo uso dos gêneros digitais, não só buscar novas informações, como também divulgar seus trabalhos, buscarem diferentes fontes de informação, assim ampliando o conhecimento. Com todas as inovações que o mundo vem oferecendo atualmente, surgiram novas práticas de leitura e escrita, a aquisição de uma competência que propicia capacidade de entendimento e uso da informação de forma variada.

2.2: Concepção de crianças e infância na atualidade diante das novas tecnologias

Segundo ARIÈS (1986), é na Modernidade que o sentimento de infância nasce, e é em sua consolidação enquanto projeto sociocultural que esta categoria geracional adquire novas e distintas configurações que perpassam o tempo. Sendo assim, não se pode ignorar que a infância certamente está se reconfigurando, e isto implica em modificações na vida de seus integrantes, visto o crescente aumento da institucionalizada da infância, as condições de vida as quais as crianças estão submetidas e o avanço da ciência, que, por meio da tecnologia cria e institui novas formas de jogos, brincadeiras e entretenimento para as crianças (MAFRA, 2015).

Essas mudanças assumem consequências específicas sobre o relacionamento das crianças com as mídias contemporâneas. Mas, seria altamente simplista identificar as mídias como sua causa principal. Não podemos examinar as mídias de forma isolada - seja como o agente causador do desaparecimento da infância, seja como a razão de seu maior poder. “Ao contrário, é essencial situar a relação das crianças com as mídias no contexto das mudanças sociais e históricas mais amplas [...]” (BUCKINGHAM, 2006, p.52).

Deste modo, a relação entre a infância e as mídias eletrônicas tem sido muitas vezes percebida em termos essencialistas, onde as crianças são entendidas como possuidoras de qualidades inerentes que se ligam de um modo único a cada meio de comunicação. Em outros casos, as mídias são vistas como grandes “vilãs” do processo educativo das crianças, responsáveis pelo afastamento entre os sujeitos. Na maioria dos casos, evidentemente, essa relação é definida como negativa, onde se atribui às mídias

eletrônicas o poder de explorar a vulnerabilidade das crianças, destruindo a sua inocência.

Nesse contexto, a tese da “morte da infância” proposta por Neil Postman (1983), constitui-se como uma versão desse argumento, pois,

[...] fala diretamente a muitos dos medos e desejos que os adultos sentem com relação à infância, e de fato a uma nostalgia idealizada de seu próprio passado”. Com isso, acaba alimentando um pessimismo generalizado, uma forma de desesperança grandiosa que acaba sendo paralisadora (BUCKINGHAM, 2006, p.30).

Ainda Buckingham (2006, p.11) infância, portanto, um termo mutável e relacional, cujo sentido se define principalmente por sua oposição a uma outra expressão mutável, ‘Idade Adulta’”. Portanto, na relação com as mídias as crianças não são sujeitos passivos, mas imbuídos de discernimento acerca da qualidade do que está sendo apresentado a eles. Entretanto, em relação a este discurso, faz-se mister que os adultos ofereçam a oportunidade de escolha às crianças, sem se eximir do processo educativo de auxiliar e apresentar a elas os diversos produtos midiáticos. Desta maneira, não é possível falar sobre o desaparecimento ou morte da infância, mas de uma nova constituição da mesma.

Neste sentido, Buckingham (2006, p.10) ressalta que,

A escola e a família, por exemplo, parecem apresentar definições claras dos direitos e responsabilidades de adultos e crianças. No entanto, como bem sabem os pais e os professores, as crianças rotineiramente desafiam e negociam essas definições, nem sempre de forma direta e sim às vezes através do que poderíamos chamar de táticas de guerrilha.

Buckingham (2006, p.11) diz que ambas apresentam papéis bem definidos pela sociedade, família e escola possuem responsabilidade que se definem, porém há momentos em que as crianças por passarem por situações controversas, horas têm idades para tais privilégios, já em outros momentos ainda não possuem maturidade e responsabilidade para tal.

[...] De um lado, por exemplo, os pais e os professores todos os dias conclamam as crianças a ‘crescerem’, e a se comportarem da forma que consideram madura e responsável; de outro lado, eles negam

privilégios às crianças, baseados em que elas ainda não têm idade para apreciá-los ou não merecem fazê-lo (BUCKINGHAM, 2006, p.11).

Conforme Buckingham (2006, p.12), as crianças muitas vezes se mostram muito interessadas em certas formas de discurso sobre a infância, especialmente quando isso toca em formas proibidas de comportamento adulto. Os adultos tem papel significativo na vida das crianças, o conceito da infância serve como um mundo de sonho dentro do qual podemos escapar das responsabilidades da vida adulta.

[...] com a televisão, a prática do controle familiar precisa tornar-se aberta e visível, de um modo que não era necessário com a imprensa. Além do mais, a televisão alerta as crianças para a existência de comportamentos ‘de bastidor’, mesmo que nem sempre os revele explicitamente; e frequentemente exibem às crianças as formas como os adultos procuram manter tais comportamentos longe das vistas delas. Assim, a televisão não apenas revela ‘segredos’: ela também revela “segredo da secretude”, tornando os adultos vulneráveis à acusação de hipocrisia (BUCKINGHAM, 2006, p.23)”.

Segundo Buckingham (2006), “há uma preocupação com o tradicionalismo da ética e moral, ou seja, houve mudanças das boas maneiras, respeito à antiga e boa educação” se perdeu com a “era das mídias”. “As crianças são cada vez” mais percebidas como uma ameaça para a sociedade – como violentas e antissociais, tornam seus atos a cada dia mais precoces, divergentes a sua idade, causando preocupação com a anormalidade da indisciplina escolar, aumento da criminalidade, o consumo de drogas e a gravidez na adolescência.

[...] a moderna concepção da infância surgiu como resultado de uma complexa rede de inter-relações entre ideologia, governo, pedagogia e tecnologia, cada uma delas tendendo a reforçar as outras; como resultado, ela desenvolveu-se de formas diferentes, e em diferentes níveis, dependendo de cada contexto nacional (BUCKINGHAM, 2006, p.28).

A relação entre a infância e as mídias eletrônicas tem sido muitas vezes percebida e entendida como qualidades próprias que se ligam de um modo único às características a cada meio de comunicação. Na maioria dos casos, essa relação é marcada pela crítica às mídias, que por sua vez assumem o poder de destruir a inocência das crianças.

2.3: Linguagens e Escrita

O ingresso das crianças de seis anos no ensino fundamental tem instigado estudos tanto para a educação infantil quanto para o ensino fundamental, especialmente no que diz respeito às políticas e práticas pedagógicas e sua adaptação à faixa etária das crianças de seis a onze anos.

Elas brincam, aprendem, criam, sentem, crescem e se modificam ao longo do processo histórico que dá corpo à vida humana, dão sentido ao mundo, produzem história e superam sua condição natural por meio da linguagem. (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p.71)

Neste sentido, quando as crianças interagem e aprendem, participando e interferindo na realidade que a cerca, suas atitudes são modos de reelaborar e recriar o mundo. Cabe a função dos adultos mediar e colaborar neste processo. Ainda sobre isto, "o papel do outro é fundamental na constituição do eu e no desenvolvimento e nas aprendizagens que fazem ao longo da vida" (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p.71). Posto isto,

A linguagem vincula-se à imaginação, à criação, ao diálogo, à expressão de saberes, afetos, valores; constitui a consciência e organiza a conduta: nela e através dela, são assimilados os conceitos e preconceitos. A linguagem verbal – materializada nas relações sociais como oralidade ou como escrita – tem todas essas características e as potencializa. (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011. p.75-76)

Para Bakhtin (2003 *apud* KRAMER; NUNES, 2011), linguagem e vida são indissociáveis. O autor afirma que ciência, arte e vida são campos da cultura humana que se articulam, mas tanto podem adquirir unidade no indivíduo que as incorpora, como permanecer cindidos e manter entre si apenas uma relação mecânica e externa.

Se uma educação de qualidade deve propiciar ao(à) estudante ir além dos referentes presentes em seu mundo cotidiano, assumindo-o e ampliando-o, transformando-se, assim, em um sujeito ativo na mudança de seu contexto nas instituições pesquisadas, a educação infantil e o ensino fundamental têm dificuldade de cumprir a tarefa de ampliar as referências das crianças, dando-lhes oportunidade de se transformar e transformar (KRAMER; NUNES, 2011, p. 77).

A educação infantil, enquanto primeira etapa da educação básica, assume como uma de suas funções sociais, garantir os direitos das crianças à cultura oral e escrita,

convivendo com diferentes gêneros discursivos e diversos, orais e escritos, e os mais diferentes suportes. E para que, minimamente esta questão seja garantida nas creches e pré-escolas, faz-se necessário que:

[...]as crianças estabeleçam relações positivas com a linguagem, a leitura e a escrita, e que lhes seja produzido o desejo de aprender a ler e a escrever. Que as crianças possam aprender a gostar de ouvir a leitura, que tenham acesso à literatura, que desejem se tornar leitores, confiando nas próprias possibilidades de se desenvolver e aprender (KRAMER; CORSINO, 2011. p. 79).

Para Soares (2002, p.146) o momento atual oferece uma oportunidade extremamente favorável para refiná-lo e torná-lo mais claro e preciso a introdução de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pela tecnologia de comunicação eletrônica – o computador, o uso de tablets, smartphones, a web, a Internet. Para que assim as crianças possam ter a oportunidade de se tornarem leitores (as) assíduas. As novas tecnologias conduzem diferentes processos cognitivos e discursivos, dando uma nova condição as crianças.

Lévy (1993) inclui as tecnologias de escrita entre as *tecnologias intelectuais*, responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes (observe-se o subtítulo de seu livro *As tecnologias da inteligência: “o futuro do pensamento na era da informática”*); esse autor insiste, porém, que as tecnologias intelectuais não *determinam*, mas *condicionam* processos cognitivos e discursivos (SOARES, 2002, p. 148).

Diante das novas modalidades e ferramentas tecnológicas, a construção da linguagem escrita favorece um novo estado ou condição, um novo letramento começa a ser internalizado.

O espaço de escrita relaciona-se também com os gêneros e usos de escrita, condicionando as práticas de leitura e de escrita: na argila e na pedra não era possível escrever longos textos, narrativas; não podendo ser facilmente transportada, a pedra só permitia a escrita pública em monumentos; a página, propiciando o códice, tornou possível a escrita de variados gêneros, de longos textos. (SOARES, 2002, p.149)

Destacar a importância da construção da linguagem escrita nos anos iniciais às práticas que ocorrem nas escolas traz uma nova mudança, havendo liberdade de produção de textos, não é só este novo espaço de escrita que é a tela de um computador, o uso de um smartphones ou tablet que gera um novo letramento, para isso também

contribuem construções de produção, reprodução da escrita e da leitura. “A conclusão é que letramento é fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo.” (SOARES, 2002, p.156)

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1: Caminhos da Pesquisa

Pesquisas são alcançadas com o objetivo de construir o conhecimento, ou seja, busca-se produzir informação por meio de referenciais que possibilitem apontar fatos que parecem indistintos. Nessa produção de conhecimentos, sempre trabalhamos com uma margem de improbabilidades, onde o pesquisador não pode se influenciar por dogmas, crenças ou verdades absolutas (GATTI, 2002).

Portanto, pesquisa será aqui compreendida como a investigação de um conhecimento específico que supere a concepção inicial da realidade de um conhecimento que possa até mesmo ir contra certas expectativas iniciais a que chegamos por meio de observações pouco profundas. Ao realizar uma pesquisa, é preciso ter clareza em quais métodos e teorias a pesquisa se define.

Sendo assim, segundo Gatti (2002), esses métodos não são universais, ou seja, não existe “o” método científico mais apropriado para a realização de uma pesquisa, o conhecimento científico é produzido por meio de um vasto campo de processos. Dessa forma, “a pesquisa não é, de modo algum, na prática, uma reprodução fria de regras que vemos em alguns manuais. O próprio comportamento do pesquisador em seu trabalho é-lhe peculiar e característico” (GATTI, 2002, p. 11).

Nesse sentido,

A pesquisa é uma atividade basilar da ciência e que indaga e constrói a realidade, e que mesmo sendo uma prática teórica ela vincula o pensamento e a ação. Qualquer pesquisa é iniciada com uma pergunta, uma dúvida, que para ser respondida se coloca a necessidade de articular conhecimentos anteriores ou então criar novos conhecimentos (MINAYO, 2008, p.17).

A autora ainda considera que nenhuma teoria, por melhor estabelecida que seja, é suficiente para explicar todos os fenômenos e processos. Minayo (2008) acrescenta que “compreender” é o verbo da pesquisa qualitativa, ou seja, compreender e interpretar a realidade e alega também, que a pesquisa não se encerra, pois toda investigação produz conhecimento e indagações novas.

Para José Mario Pires Azanha, “os roteiros metodológicos são ilusórios a quem não definiu uma perspectiva teórica para estudo da realidade” (AZANHA, 1992, p. 78).

Há também a importância de se determinar uma perspectiva teórica que dirija a pesquisa, é correto garantir que são dados com que trabalhamos, sejam eles entrevistas, questionários, observações, ou avaliações mais concisas. É preciso reconhecer que todos os dados alcançados pela pesquisa são sempre um conhecimento articulado a discernimentos de escolha e interpretação de dados.

Ser cientista não é, pois, apenas apreender um sistema conceitual e em seguida aplicá-lo a práticas de investigação, mas também adquirir hábitos, habilidades, valores, etc., e ter suas investigações e os problemas que as motivaram reconhecidos como científicos pelos padrões de análise e de avaliação aceitos pela corporação científica [...] (AZANHA, 1992, p. 142).

De acordo com Gatti (2002), a pesquisa na área da Educação possui suas particularidades, uma vez que estamos lidando com seres humanos, necessitando ter como ponto inicial e final o ato de educar. Nesse sentido, a pesquisa nessa área não ocorre de forma estritamente experimental, como por exemplo, na área da Biologia. Na pesquisa educacional os seres humanos não podem ser controlados e estão envolvidos em situações sociais onde essa educação acontece.

Podemos verificar que a pesquisa procura compreender, buscar entende algo que contribua para a sociedade. Vem acompanhada de alguma metodologia e fundamentação teórica, portanto, o conhecimento obtido através da pesquisa é vinculado a critérios de escolha e interpretação de dados. “Os diversos tipos de pesquisa, seja ela empírica, pesquisa-ação, etnográfica ou bibliográfica, contribuem à sua maneira para a constituição do campo pedagógico, fornecendo subsídios para a prática educativa.” (MAFRA, 2014, p.47)

A pesquisa na área educacional, não acontece somente baseada na experiência, partindo do cotidiano educacional. Na certeza da importância da realização de pesquisas bibliográficas comprometidas com o âmbito social, o presente trabalho almeja realizar um levantamento da produção científica dos últimos cinco anos em cinco revistas qualificadas na área da educação (Educação e Pesquisa, Educação e Sociedade, Cadernos CEDES, Educação e Realidade), a fim de selecionar e posteriormente analisar artigos publicados sobre a temática que gira em torno da construção da linguagem escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

3.2: Indicações da produção científica

O levantamento foi realizado em cinco revistas científicas qualificadas na área da Educação tendo início no dia 13 de junho de 2016. Ou seja, a busca realizada nas revistas, foi feita, primeiramente por meio da leitura dos sumários: todos os sumários referentes aos últimos cinco anos foram lidos atenciosamente e a partir disso, os trabalhos foram selecionados de acordo com a sua relação com a temática.

As revistas selecionadas para o levantamento foram eleitas por entender que nelas há maiores possibilidades de encontrar artigos que dialoguem com o a temática de estudo proposta no trabalho. Adotamos como recorte temporal as publicações dos últimos cinco anos (2010 a 2015), por entender que poderiam nos dar pistas sobre como a temática está sendo abordada no âmbito acadêmico. Contudo, outros critérios também foram escolhidos a fim de filtrarem os trabalhos para que os mesmos possam contribuir neste trabalho. Para isto, para serem selecionados, os textos precisariam que:

- Localizassem pesquisas e artigos científicos estudos recentes sobre as práticas de leitura e escrita que ocorrem nas escolas e atendem crianças dos anos iniciais do ensino fundamental;
- Diante das novas ferramentas tecnológicas, investigassem a construção da linguagem escrita em produções científicas;
- Buscassem relações da importância da construção da linguagem escrita nos anos iniciais.

Sendo assim, esse trabalho constitui-se como uma primeira aproximação a pesquisa de análise da produção do conhecimento de artigos em revistas qualificadas, com vista a contribuir sobre a construção da linguagem escrita nos anos iniciais. A contribuição de todos os trabalhos selecionados no levantamento foi de suma importância para a constituição das análises de dados a luz do referencial teórico.

3.3: Levantamento da Produção – Revistas Científicas

O levantamento da produção nas revistas científicas foi realizado por meio da leitura de seus sumários, para garantir que no processo nenhum trabalho importante para a presente pesquisa deixasse de ser selecionado.

Para melhor compreensão, segue abaixo um quadro apresentando as revistas a serem analisados, os respectivos volumes e o ano/período de publicação.

Quadro 01

Revistas, volumes e ano de publicação					
Educação & Sociedade		Cadernos Cedes	Educação & Realidade		Educação & Pesquisa
Volume 32	(Jan/Mar, Abr/Jun, Jul/Set, Out/Dez de 2011).	Volume 31	(Jan/Abr, Mai/Ago, Set/Dez de 2011).	Volume 36	(Jan/Abr, Mai/Ago, Set/Dez de 2011).
Volume 33	(Jan/Mar, Abr/Jun, Jul/Set, Out/Dez de 2012).	Volume 32	(Jan/Abr, Mai/Ago, Set/Dez de 2012).	Volume 37	(Jan/Abr, Maio/Ago, Set/Dez de 2011).
Volume 34	(Jan/Mar, Abr/Jun, Jul/Set, Out/Dez de 2013).	Volume 33	(Jan/Abr, Mai/Ago, Set/Dez de 2013).	Volume 38	(Jan/Abr, Maio/Ago, Set/Dez de 2013).
Volume 35	(Jan/Mar, Abr/Jun, Jul/Set, Out/Dez de 2014).	Volume 34	(Jan/Abr, Mai/Ago, Set/Dez de 2014).	Volume 39	(Jan/Abr, Maio/Ago, Set/Dez de 2014).
Volume 36	(Jan/Mar, Abr/Jun, Jul/Set, Out/Dez de 2015).	Volume 35	(Jan/Abr, Mai/Ago, Set/Dez de 2015).	Volume 40	(Jan/Abr, Maio/Ago, Set/Dez de 2015).

Fonte: Levantamento realizado pela autora

A primeira revista a ser analisada foi Educação & Sociedade, vinculada ao Centro de Estudos Educação e Sociedade – Cedes. No volume 32 o trabalho “O método de ensino da leitura e da escrita concretizado no método Lição de Coisas”, foi selecionado. No volume 33 e 34 nenhum trabalho foi selecionado. No caderno 35 o

trabalho Jovens professores no contexto da prática e as tecnologias de informação e comunicação (TIC) foi selecionada. E no volume 34 da revista nenhum trabalho foi selecionado.

A segunda revista a ser analisada foi Cadernos Cedes. No volume 31 nenhum trabalho foi selecionado. No volume 33 dois trabalhos foram selecionados, “Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil” e “Alfabetização: o olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita”. No volume 34 nenhum trabalho foi selecionado. No volume 35 um trabalho foi selecionado: “A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire”.

A revista Educação & Realidade foi a terceira revista a participar do levantamento da produção. Nos volumes 36, 37, 38, 39 não foram encontrados trabalhos pertinentes ao tema desta pesquisa. No volume 40, um trabalho foi selecionado: “As Tecnologias na Educação: Uma questão somente técnica?”.

A quarta e última revista a compor o levantamento da produção foi a Revista Educação & Pesquisa. No volume 37, dois trabalhos foram selecionados: “Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas” e “A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais”. Nos volumes 38, 39 e 40, nenhum trabalho foi selecionado. No volume 41, um trabalho foi selecionado, “Processos migratórios e letramento na era digital globalizada: entrevista com Catherine Vieira”.

Em linhas gerais, até este momento da pesquisa foram selecionados ao total, em todas as 04 revistas científicas, 10 artigos. Esses foram julgados pertinentes a este levantamento, por atenderem aos critérios anteriormente descritos. Para facilitar a compreensão, o Quadro 01 apresentará o total de trabalhos, bem como os títulos selecionados nas revistas científicas.

Quadro 02 – Seleção dos artigos através da leitura dos sumários e seus respectivos títulos

RECORTE TEMPORAL – de 2011 a 2015		
Revistas	Total de trabalhos selecionado	Títulos
Educação & Sociedade	03	- Jovens professores no contexto da prática de ensino de ciências e as tecnologias de informação e comunicação

		<ul style="list-style-type: none"> - Estágio supervisionado e práticas de oralidade, Leitura e escrita no ensino fundamental - O plano nacional de educação e As tecnologias da informação e comunicação
Cadernos Cedes	03	<ul style="list-style-type: none"> - A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire - Alfabetização: O Olhar Das Crianças Sobre O Aprendizado Da Linguagem Escrita - Políticas E Práticas De Letramento Na Inglaterra: Uma Perspectiva De Letramentos Sociais Como Base Para Uma Comparação Com O Brasil
Educação & Realidade	01	<ul style="list-style-type: none"> - As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica?
Educação & Pesquisa	03	<ul style="list-style-type: none"> - Processos migratórios e letramento na era digital globalizada: entrevista com Catherine Vieira - A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais - Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas
TOTAL DE TRABALHOS SELECIONADOS: 10 TRABALHOS		

Fonte: da autora

3.4: Resultado final do levantamento

A partir da compreensão dos elementos fundamentais de uma pesquisa qualitativa, o processo de seleção do material aconteceu em momentos distintos. No primeiro momento todos os títulos dos trabalhos correspondentes ao recorte temporal foram lidos, e se, de alguma maneira houvesse uma aproximação com a temática, o resumo foi lido. Caso na leitura do resumo essa aproximação permanecesse, o trabalho na íntegra foi salvo, aguardando uma leitura posterior.

Dentre os trabalhos apresentados no capítulo anterior, os quais foram levantados a partir da leitura de seus títulos e resumos, alguns deles foram descartados quando houve, em um segundo momento, a leitura na íntegra destes trabalhos. Esse procedimento se deve pelo fato de alguns artigos não deixarem claro no resumo a que o trabalho se propunha, e desta forma somente a partir de uma leitura atenta, pôde-se perceber a pertinência ou não do trabalho.

No primeiro momento de leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 10 artigos nas quatro revistas científicas. Após uma primeira leitura do conteúdo integral dos trabalhos, houve novamente uma seleção que excluiu 05 artigos publicados nas revistas científicas pesquisadas. A partir desse filtro realizado nos trabalhos, cinco artigos deixaram de compor este levantamento da produção, por não possuírem aspectos pertinentes à temática. O primeiro artigo a deixar de compor a análise é o trabalho “Jovens professores no contexto da prática de ensino de ciências e as tecnologias de informação e comunicação, tratando-se de um trabalho voltado à disciplina de Ciências ressaltando jovens professores, as políticas curriculares no contexto da prática e o uso das tecnologias de informação e comunicação, temáticas que se diferem ao longo da leitura do artigo. O segundo artigo, “O plano nacional de educação e as tecnologias da informação e comunicação”, faz uma reflexão sobre o modo como as tecnologias de informação e comunicação foram consideradas no Documento Final da Conferência Nacional de Educação (CONAE), cujos apontamentos servirão de base para a elaboração de diretrizes e estratégias de ação do novo Plano Nacional da Educação, tratando-se da legislação educacional, assunto no qual não entrelaçam com a pesquisa. O artigo “A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire, trata-se das ideias e falas do pensador dialético, do seu falar e do seu escrever, o que foi enquanto pessoa e homem, fugindo do trabalho aqui proposto. O artigo “Políticas E Práticas De Letramento Na Inglaterra: Uma Perspectiva De Letramentos Sociais Como Base Para Uma Comparação Com O Brasil”, destaca as políticas nacionais voltadas para o trabalho com o letramento em escolas, no Brasil e na Inglaterra, comparativos que oferecem percepções teóricas e práticas”. E por fim “Processos migratórios e letramento na era digital globalizada: entrevista com Catherine Vieira, este trabalho apresenta uma metodologia diferente das demais consideradas pertinentes a análise. Trata-se de uma entrevista que não condiz com a temática do trabalho.

Apesar disto, ressaltam-se a importância e relevância para o campo da educação estes artigos, mas por motivos já descritos, não fazem mais parte deste trabalho. Para ilustrar o resultado final desse processo de levantamento da produção, apresentamos no Quadro 02 os artigos que farão parte da análise deste trabalho com seus respectivos autores, revistas e títulos. A utilização da técnica de análise do conteúdo foi realizada a partir de uma leitura atenta e criteriosa dos trabalhos selecionados, com vista a analisar o conjunto deles de forma geral e indicar:

- O que vem sendo produzido em sínteses de pesquisas sobre o tema proposto.
- O que dizem os autores dos trabalhos sobre a temática desta pesquisa.
- Quais referenciais teóricos predominam nos trabalhos;

Autores	Revista	Títulos
Idmeia Semeghini Siqueira Gema Galgani Bezerra Tatiana Guazzelli	Educação & Sociedade	- Estágio supervisionado e práticas de oralidade, Leitura e escrita no ensino fundamental
Angela Vidal Gonçalves	Cadernos Cedes	- Alfabetização: O Olhar Das Crianças Sobre O Aprendizado Da Linguagem Escrita
Elaine Conte Rosa Maria Filippozzi Martini	Educação & Realidade	- As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica?
Julio Groppa Aquino Gilberto Lacerda dos Santos	Educação & Pesquisa	- Ensina e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas - A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais

- O que aponta a pesquisa empírica retratada nos trabalhos.

3.5: Emergência da Categoria de Análise

Ao realizar uma pesquisa, é preciso ter entendimento sobre a teoria e os métodos que será norteada. Nesse sentido, Gatti (2002) ressalta que “não existe o método mais adequado para a realização de uma pesquisa, o conhecimento científico é determinado através de um vasto campo de processos”. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos motivos, dos significados, dos desejos, das crenças, dos valores e das atitudes dos seres humanos. Portanto, esse conjunto de fenômenos é entendido como parte da realidade social, pois “o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2009, p. 21).

Para compor a abordagem qualitativa por meio da técnica de análise de dados de conteúdos, são necessários procedimentos metodológicos pautados nessa abordagem. Gomes (2009) destaca os seguintes métodos: categorização, inferência, descrição e interpretação. Para o autor, esses procedimentos não acontecem em sequência, pois o

pesquisador costuma na maioria dos casos “decompor o material em partes; lançar as partes em categorias; fazer uma descrição do resultado das categorias; fazer referências dos resultados e interpretar os resultados obtidos a luz do referencial teórico fundamentado”. (GOMES, 2009, p. 88).

Conforme Vala (1999), a análise de conteúdo é uma das técnicas mais comuns na investigação baseadas em experiência pelas diferentes ciências humanas e sociais. Para o autor, a análise de conteúdo não é um método, mas uma técnica de trabalho com a informação. A análise de conteúdo constitui-se como uma técnica para tratar os dados empíricos, que pode ser utilizada em pesquisas em qualquer nível de investigação empírica, pois apresenta a vantagem de,

[...] em muitos dos casos funcionarem como uma técnica *não-obstrutiva*. Lembremos que um dos problemas com que se debate a investigação empírica, quando recorre aos indivíduos como fonte de informação, é saber que em tais condições as respostas são afectadas por certo número de enviesamentos, pelo menos potenciais, decorrentes da consciência que os sujeitos têm de que estão a ser observados ou testados [...] (VALA, 1999, p. 107).

A técnica de análise de conteúdo pressupõe, dentre outros elementos, a inclusão dos dados em categorias de análise que podem ser definidas *a priori* ou *a posteriori*, a fim de “simplificar para potenciar a apreensão e se possível a explicação” (VALA, 1999, p. 110). No caso desta pesquisa, as categorias de análise foram estabelecidas *a posteriori* após o término do levantamento dos artigos, permitindo assim que as mesmas pudessem emergir dos dados.

Dentre os trabalhos selecionados neste levantamento, 02 deles assumiram como tema as tecnologias na educação, investigando questões da área de tecnologias empregadas na educação, e 03 dos trabalhos selecionados levantaram questões acerca do aprendizado da linguagem escrita no ensino fundamental. Composto desta forma a categoria definida como *As Tecnologias na Educação e o Aprendizado da Linguagem Escrita*.

A partir da leitura dos trabalhos, foi possível constatar que todos trazem à tona uma metodologia de pesquisa de cunho qualitativo, utilizando os seguintes procedimentos ou instrumentos para a geração dos dados: observação; etnografia por meio de registros escritos, entrevistas e questionários.

Gatti (2002), afirma a pesquisa vem juntamente com a metodologia e fundamentação teórica, pois o conhecimento adquirido através dela é ligado a discernimentos e interpretação de dados. Portanto, o pesquisador deve estar ciente que a escolha da teoria reverterá nas análises, sendo que será empregada como suporte para se pensar a realidade.

Observamos que os referenciais teóricos que subsidiaram a análise nos trabalhos que compõe a categoria *Tecnologias na Educação e o Processo de Ensino Aprendizagem* pautaram-se em uma análise sobre o processo de ensino aprendizagem nos dias atuais, bem o levantamento de estratégias adequadas no contexto educativo diante das novas tecnologias, evidenciando como os elementos tecnológicos promovem a curiosidade e interferem diretamente na formação cultural, aprendizagem, linguagem e nas dimensões lógicas humanas e na formação continuada dos professores. Os trabalhos que compõem a categoria *Alfabetização e Linguagem e Escrita* se sustentaram em referenciais teóricos que problematizam questões referentes à escrita, colaborações sobre o trabalho do educador de motivar o aluno em descobrir o prazer de ler e escrever, e de estar instrumentalizado para sua comunicação e formação social, como também contributos sobre o olhar das crianças diante do aprendizado da linguagem escrita durante o processo de alfabetização.

4. TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Dos trabalhos selecionados para a realização do levantamento da produção, dois deles se referem diretamente da temática tecnologia. Dentre os artigos que compõem esta categoria, no texto denominado “As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica”, os autores evidenciam os usos das tecnologias na educação, e como novas possibilidades de ensino aprendizagem no meio virtual vem apresentando uma série de desafios e questões que se constituem como objeto de investigação. Elucidando elementos tecnológicos que promovem a curiosidade, interferindo na formação cultural, na aprendizagem, linguagem e em todas as dimensões humanas. E o artigo “Ensinar e Aprender no meio virtual: rompendo paradigmas”, são relatados resultados de uma pesquisa de síntese desenvolvida entre 2004 e 2008 a partir de 13 dissertações de mestrado com o objetivo de discutir a sala virtual e a emergência da sociedade da informação por meio de dados empíricos.

Os autores Conte e Martini (2015, p. 1191) em seu trabalho afirmam que jovens e crianças se identificam com os meios tecnológicos, respondendo as suas sensibilidades, são rápidos e dinâmicos, pois são atraídos a mistura da linguagem, diferentes assuntos e conteúdos. Aprender com as novas tecnologias é umas das preocupações nos últimos anos do campo educacional. Pois está assume uma importância na vida humana, permitindo uma revolução nos paradigmas conservadores existentes em salas de aula. Resistentes a novas potencialidades reflexivas da tecnologia, muitos educadores aprisionam-se em sistemas educacionais tradicionais, por isso se faz necessário ressignificar as tecnologias, estas vem rompendo padrões de um ensino conservador.

A aproximação virtual das pessoas, a interconexão de performances globais, as aprendizagens formadas coletivamente e a curiosidade pelo conhecimento constituem efeitos das tecnologias na educação, que geram maneiras inéditas de ser e de estar no mundo. As tecnologias abrem horizontes para a curiosidade e criação humana da realidade e requerem a adoção de diferentes posturas e entendimentos no campo da formação educativa, como forma de superar os reducionismos e os automatismos técnicos de ensino prescritivo para uma aprendizagem narrativa do mundo. (Conte e Martini, p.1191. 2015)

O trabalho de Santos (2011) aponta que “desvendar os processos de ensino aprendizagem no meio virtual é crucial para a invenção de uma nova escola, baseada em uma nova organização de trabalho pedagógico,” para que a sala de aula possa dar continuidade de forma renovada. O ensino e a aprendizagem no meio virtual vêm rompendo paradigmas com novas possibilidades de ensino, apresentando diversos desafios e questões que se constituem em um vasto campo de investigações. O exercício da docência em tempos de transformações requer perceber o fluxo de acontecimentos.

Para Arendt (1966) apud Conte, Martini (2015) p.1193, a tarefa do educador é de inserir os sujeitos no mundo, responsabilizar-se e apresentá-los ao educando, mesmo sendo um mundo que corrói verdades, valoriza a velocidade e a quantidade de informação. Frente a isso ainda Conte e Martini (2015, p.1193),

[...]na medida em que transformarmos nossas práticas em exercícios reflexivos e criativos e estivermos em abertura para a comunicação – tentando não apenas dominar as tecnologias virtuais como simples ferramentas, mas como maneiras de ensaiar novas experiências culturais – estaremos participando de um novo tipo de aprendizagem

social, a aprendizagem interativa que mimetiza formas reais por meio das virtuais.

A formação do sujeito com a era da internet altera sua aprendizagem e a maneira como desempenha os múltiplos papéis para todas as esferas da realidade, é capaz de criar novas mediações entre os sujeitos e o mundo. (Lévy, 1993 *apud* Conte, Martini (p. 1193, 2015). Por meio da leitura dos trabalhos selecionados, observamos que apontam uma posição e avaliação crítica sobre o papel da educação diante das tecnologias, sobretudo na preparação do indivíduo para que autonomamente busque informações com o meio virtual e transforme-as em conhecimento da forma mais criativa possível.

Santos em seu trabalho (2011, p. 311) discorre que,

Há pelo contrário, toda uma realidade concreta nas interações e ações realizadas no ciberespaço, nesse ambiente imaterial constituído por informações de toda natureza, interligadas e intercomunicantes, suscetíveis de modificarem a própria estrutura do pensamento humano. Apesar de sua concretude inquestionável, o ciberespaço ou espaço virtual é o ambiente imaterial constituído pelos milhões de pessoas- e de computadores – de todo mundo, interligados em rede por meio da internet.

É nesse movimento avassalador que ocorre na sociedade a ideia de uma nova possibilidade, a aprendizagem colaborativa em rede. (Starr Roxanne Hiltz, 1995 *apud* Santos 2011). Importantes questões de mudanças na dinâmica escolar de novos papéis de alunos e de professores nas relações educativas enfatizam o surgimento de uma aproximação maior do que se passa na escola e o que se passa fora dela. O autor ressalta que a crise paradigmática instaurada na escola e a necessidade de inventar uma nova escola, mais articulada com tecnologias, linguagens, estratégias e possibilidades de informação, comunicação e expressão, não podem permanecer como um peixe fora d'água, sem possibilidades de renovação. Para nortear o trabalho docente em sala de aula, Santos (2011, p.314) em seu trabalho diz que há dificuldades em identificar estratégias pedagógicas com ambiente educativo.

Ainda Santos (2011, p.314) na procura de estratégias pedagógicas apropriadas para superar dificuldades e valorizar o aluno em seu processo de aprendizagem, bem como o professor em seu processo de ensino, Wanessa de Castro (2008) investiu na

pedagogia de projetos como estratégia adequada para nortear o trabalho docente na sala de aula virtual.

Conte e Martini (2015, p. 1197) em seus trabalhos ressaltam que os educadores precisam ter uma formação mais ampla e aprofundada, é necessário que contemple problemas complexos do mundo virtual, o professor precisa aprender a orientar suas crianças a fazerem perguntas significativas aos estímulos das mídias, a relação da formação de professores com as novas tecnologias impõe muitos desafios. Portanto cabe ao educador se questionar sobre metas educacionais, exigir-se repensar a própria formação, fazendo o aluno crer que informação é sinônimo de conhecimento.

Neste sentido, trabalhar com a realidade das TDICs não só permite a ancoragem dos conteúdos, mas incita a novas descobertas, levando o aluno a arriscar-se criando novos problemas e buscando soluções. O papel das novas tecnologias na sociedade contemporânea é auxiliar em práticas educativas.

Recorrendo Soares (2002, p.148) considerando que o letramento é a condição em que o sujeito interage em grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos de praticas sociais, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição. Lévy (1993) apud Soares (2002, p.148) ainda afirma que “as tecnologias de escrita entre as tecnologias intelectuais responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes, não determinam, mas condicionam processos cognitivos e discursivos”.

Ainda Soares (2002, p.149) a introdução e a prática da tecnologia estão ocorrendo, para análise das tecnologias tipográficas e digitais de leitura e escrita de textos e hipertextos, são considerados dois elementos relevantes: o espaço da escrita e os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita. Todas as formas de escrita exigem uma tecnologia, um lugar.

Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de um pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta do códice, foi, e é, superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador. (SOARES, 2002, p.149)

No computador o espaço para a escrita é a tela, pois para Marcushi (2005) *apud* Magnabosco (2009, p.51) “o letramento digital surgiu com as novas tecnologias e vem promovendo um uso intenso da escrita por força das características do meio eletrônico, como isso a sociedade parece tornar-se textualizada”. Essas transformações mencionadas sobre as tecnologias, que vem desempenhando na sociedade uma postura crítica, as redes, os hipertextos, os suportes digitais, propõe o uso da internet como as tecnologias intelectuais, pois esta trouxe algumas alterações para a relação da leitura e escrita no processo de alfabetização.

Neste sentido para dar continuidade a temática proposta nesse trabalho, por meio da leitura dos trabalhos selecionados, observamos que em Santos (2011, p. 319) as relações educativas envolvem interações entre alunos, professores e saberes, e estas são definidas com objetivos de aprendizagem estabelecidos por meio da exploração de materiais didáticos escolhidos e desenvolvidos com estratégias pedagógicas que o professor julga adequada para a produção do conhecimento. As relações educativas virtuais são diferentes, implicam na emergência de novos papéis do professor. Nos trabalhos de Santos (2011) são ressaltados os diferentes perfis de professores.

Sena (2004) *apud* Santos (2011, p.317) afirma que “a atuação do professor privilegia o diálogo, a flexibilidade, a interação e a motivação constante dos alunos, entretanto se o professor privilegia aula expositiva, ele estará fadado a uma situação de falta de comunicação com seus alunos”. Diante da formação dos professores, recorrendo aos autores Kramer, Nunes e Corsino (2001, p.79), alguns conceitos são centrais para o embasamento de alternativas curriculares e práticas pedagógicas, por terem sido objetos de pesquisa nas últimas décadas.

Na formação inicial e na formação continuada, é crucial trabalhar com professores e gestores: concepções de infância e formas de inserção das populações infantis; concepções de linguagem, alfabetização, leitura e escrita; leitura literária; processos de imaginação e criação dos conhecimentos científicos e artísticos e seu papel na reflexão sobre as práticas; infância, juventude e vida adulta; cidade, diversidade e contemporaneidade; mudança.

Ainda os autores citados acima, as escolas e os profissionais que nela estão, tem o papel de assegurar a leitura a todas as crianças e adultos que nela estão, dos mais variados gêneros textuais, possibilidades e estratégias de ensino, normas e regras da escrita, pois elas têm o direito de ler e escrever com competência, vencendo o medo,

produzindo textos com suas ideias, sentimentos e desejos. As crianças devem ter espaços e condições nas instituições para que tais conquistas sejam alcançadas no ensino fundamental. É preciso que se produzam nas crianças o desejo de aprender, a confiança em suas possibilidades de desenvolvimento de forma saudável e prazerosa e com competência.

Recorrendo a Moran (2013, p.30) “com as tecnologias a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem pró-ativos, a saberem tomar iniciativas, a saber inter-agir”. Os novos papéis docentes na sala de aula, com as diferentes situações educativas que envolvem as TDICs exigem do educador, objetivos e interações que possibilitem conexão nas atividades trabalhadas, tornando-os os sempre interligados permanentemente. As múltiplas experiências e reconhecimentos que as tecnologias na escola pode tornar a escola trazendo novos rumos, possibilidades e transformações, deixando o professor com a sensibilidade pedagógica, trazendo desejos e curiosidades instaurados em novas competências, essas adquiridas juntamente com as tecnologias.

4.2.: Alfabetização e linguagem e escrita

Diferentes áreas do conhecimento têm buscado responder sobre o aprendizado da leitura e escrita. Sendo assim, para a realização do levantamento da produção sobre o processo de alfabetização e a aprendizagem da linguagem escrita, foram selecionados 03 trabalhos que se interavam da temática desta categoria. A partir de uma leitura prudente e minuciosa percebeu-se que o trabalho de Angela Vidal Gonçalves “*Alfabetização: o olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita*” tratava-se de uma pesquisa realizada com crianças do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola pública, cujo objetivo era conhecer concepções que as crianças elaboram sobre o processo de alfabetização, no qual se realizou entrevistas com as crianças, pais e professora da turma. A análise do discurso dos sujeitos entrevistados foi analisada por meio da Teoria da Enunciação de Bakhtin recorrendo ao pensamento de Vigotski para a compreensão do pensamento de infância.

O trabalho “*Estágio Supervisionado e Práticas de Oralidade, Leitura e Escrita no Ensino Fundamental*” dos autores Idméa Semeghini-Siqueira, Gema Galgani Bezerra e Tatiana Guazzelli, em uma modalidade de estágio proposto a alunos do curso

de Pedagogia e de Licenciatura na disciplina de Metodologia do Ensino de Português, tratou de aspectos referentes à realização de um projeto de comunicação entre alunos do ensino fundamental com o objetivo de motivar os alunos a se apropriarem de seu papel, de sujeito leitor, descobrindo o prazer de ler e escrever apontando a finalidade e a colaboração de professores e estagiários no trabalho com a linguagem verbal em turmas do ensino fundamental.

O terceiro trabalho a compor esta categoria foi “*A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais*” de Julio Groppa Aquino tomando como base principal as reflexões de Michel Foucault sobre o ato de escrever, entre os modos de escrita e de vida nas escolas. Pesquisar as práticas com as crianças nos anos iniciais do ensino fundamental permite-nos problematizar o trabalho com as crianças. Para além de pensar, apontar transições e desafios na organização do sistema de ensino, de propostas pedagógicas e de formação dos professores. A pesquisa no que diz respeito às práticas de leitura e escrita observadas nos trabalhos, apontam transições, dando ênfase para a compreensão nos modos de pensar, de realizar o processo de alfabetização.

Recorrendo a Gonçalves (2013, p.126) em seu trabalho “o aprendizado da linguagem escrita requer conhecimentos da natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática, constituindo-se em um processo complexo correspondente a uma variedade de abordagens teóricas e metodológicas”. Ler e escrever são atividades de diálogo, de discurso na linguagem escrita.

Siqueira, Bezerra e Guazzelli (2010, p.565) ressaltam que:

Em investigações e avaliações nacionais e internacionais recentes, verificou-se que um número expressivo de alunos de escolas públicas, após oito anos de escolarização, carrega sequelas de fracasso escolar, apresentando graus restritos de letramento. Desse modo, vivem em desconforto constante ao utilizar a língua materna para ler ou escrever, uma vez que demonstram insuficientes habilidades no uso da modalidade escrita da língua, em vista do que seria aceitável para sua atuação em um mundo globalizado.

Para Vigotsky apud Kramer, Leite (1996, p.65) “o conhecimento é fruto das interações sociais que se estabelecem pela mediação dos signos culturais construídos na coletividade”. A linguagem é, segundo Vigotsky, o comportamento mais importante do uso desses signos, responsável pelas interações sociais, criando zonas de desenvolvimento proximal. Leituras dos gestos, de rabiscos, dos desenhos, dos

grafismos, ampliam a possibilidade da emergência das escritas (KRAMER, LEITE, 1996, p.65).

Nos trabalhos de Siqueira, Bezerra e Guazzelli (2010, p.566) os autores ressaltam que enquanto não forem efetivadas as condições para que o aluno se torne um leitor eficiente, assegurando-lhe um desempenho satisfatório na modalidade escrita, seu rendimento em outras disciplinas será, provavelmente, deficitário. A possibilidade de compreensão de um texto, por exemplo, que expresse um problema matemático está na dependência da capacidade de ler do educando. Ao centrar na inclusão e integração dos alunos com dificuldades de aprendizagem, acredita-se diminuir o problema sobre o fracasso escolar pelo trabalho com grupos complementares de práticas de oralidade, leitura e escrita significativas.

Ainda Siqueira, Bezerra e Guazzelli (2010) destacam que numa escola de qualidade para todos, os trabalhos em grupos formados por alunos em diferentes níveis de conhecimento, pode funcionar como chave para acabar com o estigma dos “fracassos”. Os trabalhos e a mediação propiciada pelos colegas que tem melhor desempenho possibilitam que esses alunos avancem rapidamente. Os autores ainda destacam em seu trabalho relatado sobre o ensino fundamental diante da interação da leitura e da escrita que “a intenção de motivar o aluno para que ele se aproprie de seu papel de sujeito, descobrindo o prazer de ler e de escrever, mostrando a importância de se estar bem instrumentalizado para se comunicar”.

Foucault atentou para o emprego de determinadas práticas escriturais destinadas ao cuidado de si. Segundo ele, houve dois tipos de técnicas com tal finalidade: as anotações pessoais de fragmentos sobre coisas lidas e ouvidas, as quais serviam de memória e guia de conduta; e as correspondências, por meio das quais o emissário se narrava a outrem, pedindo ou ofertando conselhos. (FOUCAULT 1995 *apud* AQUINO, 2011, p.645)

Nos trabalhos de Aquino (2011) o autor ressalta as reflexões Michel Foucault sobre as modalidades de escrita, fragmentos de anotações, transmitido pelo ensino, pela escuta ou leitura são meios de estabelecer relações de si para consigo. Ainda Michel Foucault 2001 *apud* Aquino (2011, p.646-647) “faz suas considerações sobre a escrita, pois esta se desenrola como um jogo que vai além de suas regras, não se tratando como uma manifestação ou apenas exaltação do gesto de escrever, mas tratando-se de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”.

Gonçalves (2013, p.127) em seu trabalho com base em Smolka (1993) ressalta que “para aprender a ler e escrever, a grande maioria das crianças necessita de um ensino específico com essa finalidade”. Com isso, partindo dessa perspectiva, realizou uma pesquisa com 21 alunos de uma turma do 1º ano do ensino fundamental numa escola pública federal do Rio de Janeiro, no ano de 2011, com o intuito de conhecer o que pensam as crianças sobre o processo de aprendizagem da leitura e escrita antes e depois de serem alfabetizadas, ou seja, como elas pensam que aprendem a ler e escrever. Para responder a essas questões o próximo subcapítulo nomeada de “Contributos das Crianças” vêm tratar de trechos dos discursos de algumas crianças entrevistadas que fizeram parte da pesquisa de Gonçalves (2013) sobre a aprendizagem da linguagem escrita.

4.2.2: Contributos das crianças a partir dos artigos selecionados

Com base em Bakhtin, na análise do discurso, a autora Angela Vidal Gonçalves construiu conceitos presentes nos enunciados que assim foram analisados. Para Gonçalves (2013, p.129) “a análise partiu dos discursos das crianças e de suas famílias em que se explicitaram claramente os valores à sociedade na qual fazem parte”. Sociedade esta, dividida em classes, em desigualdades socioeconômicas, que impedem o acesso de muitos a bens materiais e culturais.

Gonçalves (2013) cita em seu trabalho as respostas que algumas crianças deram em relação a “Para que a escola ensine a ler e escrever?”.

“Pra gente trabalhar... quando crescer...”

“...pra ganhar dinheiro”.

“...pra gente aprender a ganhar dinheiro”.

“Pra gente poder ter din din”.

“Eu também sei que tem que estudar pra ficar rico, pra ter dinheiro... mas também sei de mais uma coisa: que a gente tem que estudar bastante pra trabalhar, pra ter alguma coisa na vida”.

Com isto, Frigotto 2001 *apud* Gonçalves 2013, p.129:

[...] reafirma-se ética utilitarista e individualista do liberalismo conservador. Justifica-se a exclusão e a desigualdade como elementos necessários a competitividade. Busca-se firmar uma consciência alienada de que os vencedores ou os incluídos devem-no a seu esforço e competência.

Posto isto, segundo dados do trabalho de Gonçalves (2013) das 21 crianças entrevistadas, cerca de 19% das crianças relacionaram a aprendizagem da linguagem escrita ao mundo do trabalho com a possibilidade de obter dinheiro, porém a maioria das crianças, 57% qualificam como “deixarem mais espertas, inteligentes, para saberem ler e escrever, saber fazer contas”. Para uma parcela menos, porém expressiva 40%, esse aprendizado garantirá na continuidade dos estudos. As crianças sabem que o aprendizado da leitura e da escrita muda sua posição na sociedade, mesmo sem entenderem plenamente. Essa mudança ganha importância para a vida social das crianças. As crianças foram questionadas se o aprendizado havia mudado algo em suas vidas, e 40% delas responderam que sim:

“... porque antes eu não sabia, agora eu to sabendo”.

“... porque agora, a minha mãe, tem vezes, pede pra eu ler um livro pra ela, e... fica mais fácil de ler e escrever agora”.

“... quando eu to na ria, quando meu pai freia, eu fico lendo o que tem nas placas”.

O principal objeto de investigação da pesquisa de Gonçalves (2013) foi ouvir as crianças para conhecer suas concepções sobre o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita, mas que ainda as crianças poderiam relacionar seus discursos com as suas experiências de vida.

Analisando as respostas das crianças à questão “Como se aprende a ler e escrever?”, observamos que 14 fizeram referência a pelo menos algum elemento linguístico (letra, som, sílaba, frase); duas referiram-se a processos mentais (“pensando”), cinco citaram aspectos atitudinais (“prestando atenção”, “se esforçando”, “estudando”, “ficando quietinho”) e apenas uma mencionou uma prática de leitura (“lendo livro”), tendo também se referido a um elemento linguístico, razão por que o total de respostas é maior que o número de alunos. (GONÇALVES, 2013, p.133)

Percebe-se nos resultados da pesquisa que as crianças referenciam um elemento de linguagem, pois ao aprender a ler e escrever as crianças se apropriam de

conhecimentos que vão permitindo fazer relações a diferentes elementos da linguagem escrita. As crianças também foram perguntadas como aprenderam a ler e escrever:

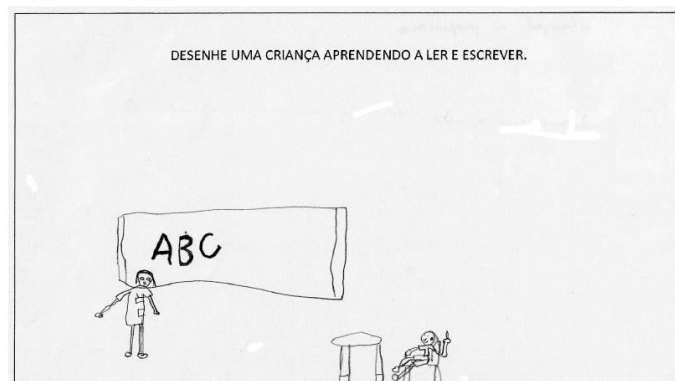
“Eu fiquei praticando ler, praticando escrever, aí eu consegui. E como é que pratica ler e escrever? Lendo um livro e... vendo... é... sílabas para escrever”.

“ Eu aprendi estudando lá na... em casa, lendo livro... e fazendo ...coisas. Ai, é... estudando...fazendo... escrevendo”.

Conforme Gonçalves (2013) “as análises dos diálogos com as crianças permitiram captar alguns momentos do movimento da palavra ao pensamento e do pensamento a palavra, da teoria vigotskiana”. Através da linguagem escrita foi possível perceber a relação entre o pensamento e a linguagem. Outros modos de dizer como as crianças aprendem a ler e escrever, as crianças representaram por meio de desenhos.



Fonte: Retirado do trabalho de **Angela Vidal Gonçalves**:



Fonte: Retirado do trabalho de Angela Vidal Gonçalves

Sendo assim, tais resultados nos levam a recorrer a Kramer e Leite (1996, p.60):

Analisando as práticas de leitura e escrita que se baseiam na “ideologia instrumental”, Giroux (1983; 1986) mostra que, apoiando a cultura oficial em detrimento das experiências culturais e históricas dos sujeitos, elas representam “o mais acabado modelo de alijamento do estudante da participação ativa na construção do conhecimento e na partilha do poder”.

Pesquisas de Ferreiro e Teberosky 1990 apud Kramer e Leite 1996 produziram uma grande contribuição para as práticas da escrita, libertando as crianças de muitas obrigações antes exigidas. Como passar parte do tempo na escola praticando funções percepto-neurológicas poucos significativas como: cobrir pontinhos e vogais, a realização de cópias, leitura de grafias que não apresentam variedade interna de caracteres, assim as crianças deixaram de passar por muitos rótulos e preconceitos. (KRAMER, LEITE, 1996, p.61)

Nesse sentido, entende-se que a escola deixar de ser um espaço meramente usado para a interação do objeto do conhecimento com os sujeitos e passa a ser um lugar onde interlocutor encontram-se para interagir com suas leituras e escritas. “A

criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita” (Smolka 1988 *apud* Kramer e Leite1996, p.64).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em breves considerações finais sobre os resultados os quais este trabalho chegou, é importante trazer o seu objetivo geral, que buscou analisar, por meio de um recorte da produção científica, de que forma a tecnologia interfere na construção da linguagem escrita nos anos iniciais. O levantamento da produção científica nos últimos cinco anos acerca da temática foi realizado para assim localizar na produção científica recente como práticas de leitura e escrita ocorrem nas escolas que atendem crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.

Levantando dados que estão sendo produzidos no âmbito acadêmico, entendendo sua importância para processo educacional, o estudo dessa temática se faz necessário para que possamos refletir sobre a construção da linguagem escrita diante das novas ferramentas tecnológicas destacando sua importância na construção da linguagem escrita nos anos iniciais. O aprendizado da leitura e escrita permite as crianças novas formas de pensar, permitem que elas nos apontem o compromisso que a educação tem de continuar trabalhando para inserir todas no mundo da cultura letrada diante das novas tecnologias de informação e comunicação. Criando ambientes para o avanço no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, com a interação dos colegas, professores e escola. Visando a interlocução com o outro, de maneira que a criança perceba-se como protagonista no processo de construção do conhecimento.

Utilizamos como metodologia para análise do levantamento a técnica de Análise de Conteúdo, procurando identificar nos textos apontamentos para as perguntas da pesquisa para assim agrupar os trabalhos em categorias de análise. Por meio da leitura dos trabalhos selecionados, observamos que estes apontam uma posição e avaliação crítica sobre o papel da educação diante das tecnologias, sobretudo na preparação do sujeito para que, autonomamente, busque informações com o meio virtual e transforme-as em conhecimento da forma mais criativa possível.

Os relatos nas práticas e nas pesquisas realizadas por meio de dados empíricos encontrados no levantamento da produção científica, fornecem-nos reflexões sobre as contribuições para se repensar nas alternativas práticas de criar novos modos sobre o papel do outro na construção do conhecimento, ou seja, no processo de aquisição da linguagem escrita e as contribuições que as tecnologias trazem para este processo.

Por fim, para se garantir condições para que este processo de formação ocorra é preciso que a escola e os professores favoreçam situações de ensino e de aprendizagem

com a utilização das tecnologias de informação e comunicação. As novas tecnologias, que surgem no mundo globalizado da mídia, provocam adaptações diferenciadas na vida social moderna, levando a novos conceitos, tais como: processos pedagógicos, infância, a escola, inclusão ou exclusão social e muitos outros, pois transformam o mundo em um todo.

6. REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

AZANHA, José Mário Pires. *Uma ideia de pesquisa educacional*. São Paulo: EDUSP, 1992.

AQUINO, Julio Groppa. *A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.3, p. 641 - 656, set./dez. 2011.

CONTE, Eliane, MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. *As tecnologias na Educação: uma questão somente técnica?* Educação & Realidade, Porto Alegre, v.40, p.1191 – 1207, out./dez.2015.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* / Paulo Freire. – 47. Ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Plano, 2002.

GONÇALVES, Angela Vidal. Alfabetização: *O olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita*. Cadernos Cedes, Campinas, v.33, n.89, p.125-140, jan.-abr. 2013.

KRAMER, Sonia. NUNES, Maria Fernanda R. CORSINO, Patrícia. *Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr.2011.

KRAMER, Sonia. LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (orgs). *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. Campinas – SP, Papirus, 1996. – Série Prática Pedagógica.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. *Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?* 2009. Mestranda em Estudos Linguísticos, área Texto e Discurso, pela Universidade Estadual de Maringá.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

MORAN, José. *Desafios que as tecnologias digitais nos trazem*. Do livro “Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica”, Papirus, 21ª ed, 2013, p. 30-35.

RIBEIRO, Ana Caroline. BATISTA, Aline de Jesus. *A influência da mídia na criança / pré-adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato*. 2010. Trabalho apresentado ao GT 05 – Mídia Visual e Audiovisual, do I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Universidade Federal de Tocantins.

SANTOS, Gilberto Lacerda dos. *Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas*. Educação & Pesquisa. São Paulo, v.37, n.2, p. 307 – 320, mai./ago.2011.

SIQUEIRA, Idméa Semeghini, BEZERRA, Gema Galgani, GUAZZELLI, Tatiana. *Estágio supervisionado e práticas de oralidade, leitura e escrita no ensino fundamental*. Educação & Sociedade, Campinas, v.31, n.111, p. 563-583, abr.-jun.2010.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

7. ANEXOS

Os Quadros abaixo ilustram os trabalhos que foram excluídos deste levantamento, apontando tais motivos dessa decisão. Esta etapa da pesquisa foi descrita no subcapítulo 3:4 deste trabalho, intitulado como Resultado final do levantamento.

TRABALHOS QUE FORAM EXCLUÍDOS NAS REVISTAS CIENTÍFICAS

CADERNOS CEDES

Título: A Leitura do Mundo e a Leitura da Palavra em Paulo Freire	
Revista: Cadernos CEDES	
Autor: Ana Maria Araújo Freire	
Destaques do trabalho: Um texto Ana Maria Araújo Freire, sucessora legal da obra de Paulo Freire, vem organizando e fazendo publicar seus livros inéditos e traduzindo a sua obra escrita. O texto busca refletir sobre Paulo Freire em suas obras, discutindo métodos, fazendo um diálogo freireano, a teoria e a prática, o senso comum e a ciência e a filosofia.	

Título: Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: Uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil	
Revista: Cadernos de Pesquisa	
Autor: Brian V. Street	Palavras-chaves: Novos estudos sobre letramento. Inglaterra. Brasil. Políticas. Práticas.
Destaques do trabalho: O texto busca informar sobre as políticas nacionais voltadas para o trabalho com o letramento em escolas, no Brasil e na Inglaterra, oferecem percepções tanto teóricas quanto práticas. Este artigo apresenta questões divergentes diante da temática proposta nesta pesquisa, tais como:	

REVISTA EDUCAÇÃO & PESQUISA

Título: Processos migratórios e letramento na era digital globalizada: entrevista com Catherine Vieira	
Revista: Educação & Pesquisa	
Autor: Emerson de Pietri Aline Akemi Nagata	Palavras-chaves: Letramento — Migração — Era digital — Globalização.
Destaques do trabalho: O trabalho, por mais que pretenda abordar a temática da pesquisa com o tema letramento na realidade do mundo globalizado, na era digital, constitui-se de novas possibilidades de experiências no espaço e no tempo, produzindo-se novos modos de interação entre sujeitos em torno dos usos da escrita. Tratando-se de uma entrevista que aponta recursos técnicos que permitem informar à distância, contrastar perspectivas que permitem o imigrante, compor estratégias de permanência no país de destino, e fornecer subsídios para o desenvolvimento de novas práticas letradas.	

REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE

Título: Jovens professores no contexto da prática de ensino de ciências e as tecnologias de informação e comunicação	
Revista: Educação & Sociedade	
Autor: Heloisa Helena Oliveira De Magalhães Couto	Palavras-chaves: jovens professores; políticas curriculares; contexto da prática; tecnologias de informação e comunicação; produção audiovisual.
Destaques do trabalho: O trabalho trata de como jovens professores compartilham suas práticas no ensino de ciências referentes às novas tecnologias de informação e de comunicação (TIC) buscando descrever não apenas a forma de apropriação pedagógica, com uma recontextualização acerca da utilização de produção audiovisual, integradas a redes de mobilidade e às TIC.	

Título: O plano nacional de educação e as tecnologias da informação e comunicação.	
Revista: Educação & Sociedade	
Autor: Antonio A. S. Zuin	Palavras-chaves: Tecnologia. Plano Nacional de Educação. Educação a distância. TIC. CONAE.

Destques do trabalho: O trabalho vem refletir sobre o modo como as tecnologias de informação e comunicação, foram consideradas no Documento Final da Conferência Nacional de Educação (CONAE), cujos apontamentos servirão de base para a elaboração das diretrizes e estratégias de ação do novo Plano Nacional da Educação (PNE) 2011-2020.